



PESQUISAS EMPÍRICAS NA ABORDAGEM ERGOLÓGICA NO BRASIL NO PERÍODO DE 1980 A 2018¹

Empirical research in the ergological approach in Brasil from 1980 to 2018

SANTOS, Larissa Prato²

SCHMIDT, Maria Luiza Gava³

RESUMO

A Ergologia tem origem na década de 1980 como uma abordagem voltada para a compreensão da atividade humana e do trabalho com base no conhecimento e experiência dos trabalhadores. O objetivo geral visou realizar uma pesquisa bibliográfica em bases de dados científicas sobre a abordagem ergológica no Brasil no período de 1980 a 2018. Os objetivos específicos foram: descrever o perfil das produções científicas de estudos empíricos no contexto brasileiro embasadas na Ergologia; identificar e organizar os principais resultados das pesquisas no Brasil que utilizaram a abordagem ergológica. A metodologia consiste num estudo de revisão da literatura de artigos empíricos publicados entre 1980 a 2018 nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram selecionados 45 artigos, que, em sua grande maioria foram pautados em métodos qualitativos e comungam esforços em mostrar resultados promissores para a compreensão da relação entre subjetividade e trabalho, revelando como trabalhadores de diferentes categorias profissionais se relacionaram singularmente com suas atividades de trabalho. A diversidade das experiências apresentadas demonstra que a abordagem ergológica está consolidada entre os pesquisadores brasileiros como um método de ampla utilização pelos centros e grupos de pesquisa de diferentes instituições.

Palavras-chave: Ergologia. Trabalho. Método qualitativo.

ABSTRACT

Ergology was originated in the 1980's as an approach focused on understanding human activity and work based on the worker's knowledge and experience. The overall objective was to conduct bibliographic research in scientific databases on the ergonomic approach in Brazil from 1980 to 2018. The specific objectives were: to describe the profile of scientific productions of empirical studies within the Brazilian context based on Ergology; to identify and organize the main results of research in Brazil that used the ergologic approach. The methodology consists of a literature review study of empirical articles published between 1980 to 2018 in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) databases. Forty-five articles were selected, most of which based on qualitative methods and share efforts showing promising results for the understanding of the relationship between subjectivity and work, revealing how workers from different professional categories related singularly to their work activities. The diversity of experiences presented shows that the ergological approach is consolidated among Brazilian researchers as a method widely used by research centers and groups from different institutions

Keywords: Ergology. Work. Qualitative method.

¹ Resumo apresentado no XXXII Congresso de Iniciação Científica da Unesp. Artigo resultante de pesquisa de Iniciação Científica com apoio FAPESP.

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista - Unesp. Estagiária da Ênfase Subjetividade, Trabalho e Administração Social no Estágio Específico Psicologia e Saúde no Trabalho – Bolsista de Iniciação Científica – FAPESP – Processo - 2019/11878-3. E-mail: larissaprato@live.com.

³ Psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva (FCM/Unicamp), Pós-doutorado em Saúde Pública (FSM/USP). Docente do Departamento de Psicologia Social – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp. E-mail: mlschmidt@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

A Ergologia teve origem na França, na década de 1980, em meio ao declínio do paradigma fordista e a consequente busca de compreensão das transformações do trabalho humano decorrentes das mudanças organizacionais e tecnológicas (ATHAYDE, MUNIZ, FRANÇA e FIGUEIREDO, 2014); (ECHTERNACHT, 2018).

Na perspectiva ergológica, a obra de Schwartz (2000a) traz um novo olhar para a compreensão das relações entre trabalho e da atividade humana. Para estabelecer essa relação, Schwartz recorre a Canguilhem (1947, 1994, 2003, 2009) e percebe na singularidade do trabalho um desejo de saúde calcado num debate de normas de vida, asseverando que todo homem quer ser sujeito de suas normas (CANGUILHEM, 1947). Desse modo, a perspectiva ergológica se opera alicerçada na concepção de vida-saúde-doença postulada por Georges Canguilhem. Schwartz (2000a) embasa suas concepções também no Modelo Operário Italiano (MOI), que concebe a importância do envolvimento dos trabalhadores bem como a produção de seus saberes do cotidiano laboral para transformação de suas práticas e luta pela saúde na relação com o trabalho.

Canguilhem (2003, 2009) compreende a saúde como normatividade, sendo o indivíduo sadio aquele com a capacidade para ultrapassar as normas ser também normativo, ou seja, capaz de instituir normas novas para poder viver em situações novas. Em contrapartida, a doença ou estado patológico, na sua concepção, não se constitui pela ausência da norma, mas sim pela incapacidade de transformação da norma (CANGUILHEM, 2009).

Com base nestas referências, Schwartz (2000b) propõe o conceito de “uso de si” para destacar a impossibilidade de execução mecânica de normas do ser humano, justificando a utilização da palavra “uso” para elaborar sua concepção de trabalho e seu lugar privilegiado na abordagem ergológica: o “uso de si” é a manifestação do “si” (SCHWARTZ, 2000b), sendo, então, a Ergologia, “[...] um projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las” (SCHWARTZ, 2010a, p. 37). Mediante esse posicionamento, a Ergologia no campo da Saúde no Trabalho “[...] direciona o olhar para a realidade do trabalho de encontro com os saberes que emanam da experiência” (ECHTERNACHT, 2018, p. 469). Ou seja, o acesso à complexidade do trabalho real nesta abordagem exige reconhecer as competências dos trabalhadores na gestão desta complexidade, identificando e incorporando as experiências da atividade humana com o trabalho (ECHTERNACHT, 2018).

Encontrando limites nas bases científicas e tendo como cerne o desenvolvimento da atividade humana, por volta de 1993, com a ideia de renormalização na atividade, Schwartz cria o dispositivo dinâmico de três polos (DDP3), ressaltando que “[...] a disciplina ergológica aciona, inevitavelmente, este dispositivo a três polos, pois, se assim não for, não falamos do que dizemos, não fazemos o que pretendemos fazer” (SCHWARTZ, 2000a, p. 46).

Assim sendo, este dispositivo é caracterizado como

[...] o lugar do encontro, o lugar de trabalho em comum em que se ativa uma espécie de espiral permanente de retrabalho dos saberes s, que produz retrabalho junto às disciplinas, umas em relação às outras, portanto que transforma eventualmente um certo número de hipóteses, de conceitos entre as disciplinas. (SCHWARTZ, 2010b, p. 269)

Este dispositivo é uma espécie de dialética, que pode ser esquematizado de forma espiral, por onde circulam os saberes (SCHWARTZ, 2010b). O primeiro polo é representado pelos universos científicos, tendo como objeto de estudo o trabalho. O segundo polo está alicerçado nas forças de convocação e validação. O terceiro consiste no polo do questionamento – exigência ética, epistemológica e de desenvolvimento (ATHAYDE et al., 2014). Este dispositivo dinamiza a relação entre o conhecimento científico e a experiência do trabalho, uma vez que os protagonistas do trabalho - os trabalhadores - necessitam dos conhecimentos produzidos pelas diversas disciplinas científicas para valorizar seus saberes situados na atividade e transformar suas condições de trabalho.

Em vista disto, a perspectiva referencial teórico-metodológico ergológica prima por considerar os aspectos subjetivos e complexos da relação do trabalhador com o seu trabalho na construção de saberes coletivos e individuais derivados da prática (SCHWARTZ, 2010b). Vale ressaltar que os saberes científicos somente conseguem desenvolver-se a partir das “forças de convocação”, isto é, das questões originadas no mundo do trabalho e que, muitas vezes, são desconhecidas pelos pesquisadores. Nesta direção, autores têm utilizado procedimentos de natureza qualitativa para realizar estudos ergológicos, uma vez que a natureza destes contribui para reconhecer as singularidades dos sujeitos e também são capazes de apreender informações muito delicadas, sendo estas acolhidas pelos pesquisadores (TURATO, 2010).

O objetivo geral visou realizar uma pesquisa bibliográfica em base de dados científicas sobre a abordagem ergológica no Brasil no período de 1980 a 2018.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram: (1) descrever o perfil das produções empíricas realizadas no contexto brasileiro embasadas na Ergologia; e (2) identificar e organizar os principais resultados das pesquisas no Brasil que utilizaram a abordagem Ergológica.

MÉTODOS

A presente pesquisa na base de dados foi realizada de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, sendo constituída de estudo de revisão de literatura com a finalidade de identificar, reunir e analisar múltiplas publicações sobre o tema de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre a abordagem ergológica no contexto brasileiro. Essa revisão abrangeu estudos nacionais publicados entre 1980 a 2018, em português e inglês, na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Esta base foi escolhida por agregar dados científicos nacionais e internacionais consistentes. Foram utilizados os descritores controlados nos dois idiomas: “ergologia”, “abordagem ergológica do trabalho”, “método ergológico”, “*ergological method*”, “*ergology*”, “*ergological approach to work*”.

Foram excluídos teses, dissertações, artigos repetidos, de revisão e teóricos encontrados na base pesquisada. Inicialmente, foi realizada a catalogação dos artigos científicos encontrados e a formação do banco de dados, sendo extraídos os artigos que não possuíam qualquer aderência com a pesquisa. Posteriormente, foi realizada a organização dos artigos para o atingimento dos objetivos específicos.

RESULTADOS

Caracterização da produção científica no período

Visando atender o objetivo geral do estudo mediante os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, após os resultados obtidos nas buscas, foram selecionados 45 artigos empíricos cujas referências estão relacionadas ao final.

Perfil das produções científicas de estudos no contexto brasileiro embasadas na Ergologia

Em atendimento a um dos objetivos específicos, classificamos e analisamos o perfil das produções científicas por: periódicos e ano de publicação, área de formação dos pesquisadores, aportes teóricos e metodológicos utilizados na coleta de dados. Descritos subsequentemente:

Periódicos e ano de publicação

As três revistas que mais publicaram os artigos em Ergologia com resultados de pesquisas empíricas realizadas no Brasil, na base de pesquisa, foram: *Trabalho, Educação e Saúde* (nove artigos), *Laboreal* (seis artigos), e *Revista Saúde e Sociedade* (quatro artigos). Entre as que publicaram três artigos com estudos na abordagem ergológica, estão: *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, *Ciência e Saúde Coletiva e Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. Os periódicos *Cadernos de Saúde Pública*, *Cadernos EBAPE.BR* e *Saúde Debate* publicaram dois artigos cada um. Outras onze revistas publicaram um artigo nesta temática no período pesquisado.

No que tange ao ano de publicação nestes periódicos, houve concentração das publicações entre 2006 a 2018, sendo que do total dos 45 artigos analisados, dez foram publicados em 2011. Vale destacar que o início da década de 2000 aponta para sinais de uma grande mudança em gestão no trabalho no Brasil, conforme descrito por Pochmann (2014), o que, a nosso ver, poderia ter instigado pesquisadores a desenvolver os estudos para compreender impactos desta segunda transformação do trabalho, sendo a Ergologia uma proposta metodológica fecunda para produção do conhecimento e saberes sobre as atividades do trabalho, subjetividade e saúde dos trabalhadores frente à estas mudanças.

Área de formação dos pesquisadores

A Ergologia possui natureza interdisciplinar e compõe estudos em diferentes áreas do conhecimento. Em nossos resultados, identificamos, mediante as informações do identificador digital *Open Researcher and Contributor ID (ORCID)* e o Currículo Lattes, que, dentre os autores que publicaram os 45 artigos, os graduados em Psicologia foram os que mais publicaram, depois os da área Engenharia, seguidos da Enfermagem, Medicina, Pedagogia, Serviço Social e Ciências Sociais. Observamos também autores formados em outras áreas que articularam saberes no campo da Ergologia, como: Fisioterapia, Odontologia, Farmácia, Química, Comunicação Social, Desenho Industrial, Fonoaudiologia, Ciências Biológicas, Administração, Terapia Ocupacional, Letras, História, Educação Física, Jornalismo e Ciências Contábeis.

Os artigos, em sua maioria, foram provenientes de centros e grupos de pesquisas e elaborados em coautoria também na maior parte, conforme informações extraídas das

informações sobre os autores. Estes dados revelam que a construção do conhecimento científico em Ergologia no Brasil está alicerçada na troca dos diferentes saberes das distintas áreas de atuação, possivelmente preenchendo lacunas nas discussões destas áreas. Este resultado indica que Ergologia requer confrontações pluridisciplinares para legitimar suas hipóteses (SCHWARTZ, 2016).

Categorias de áreas e profissionais investigadas

A abordagem ergológica convocou pesquisadores a se aproximarem da realidade de trabalhadores de diferentes categorias profissionais, ramos de atividade e atuantes em instituições públicas e de iniciativa privada, para compreender, de um ponto mais próximo possível, a realidade do trabalho nestes contextos. Dentre os identificados nos artigos empíricos analisados, destacaram-se as áreas: Saúde, Educação, Rural, Serviços e Indústria, conforme agrupados subsequentemente:

Área Saúde: Nesta área, identificamos artigos nos quais os autores investigaram e buscaram compreender a complexidade de trabalhos dos: agentes de combate a endemias (RIBEIRO, ARAÚJO-JORGE e BESSA NETO, 2016), profissionais que atuam numa unidade neonatal pública e de alta complexidade do município do Rio de Janeiro (SILVA e MOREIRA, 2015), egressos de dois cursos de especialização em Saúde da Família e Comunidade (SCHERER, OLIVEIRA, CARVALHO e COSTA, 2016), profissionais de um curso de residência em Saúde da Família (SCHERER, PIRES e JEAN, 2013), profissionais de enfermagem (FONTANA e LAUTERT, 2013), agentes comunitários de saúde (BINDA, BIANCO e SOUZA, 2013), trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) (ATHAYDE e HENNINGTON, 2012), auxiliares de enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (GOMES, MASSON, BRITO e ATHAYDE, 2011), profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) (TRAJANO e CUNHA, 2011), motoristas de ambulância do SAMU (PINTO e ZAMBRONI-DE-SOUZA, 2015), integrantes de equipes ao Programa Saúde da Família (VILLA e ARANHA, 2009; BERTONCINI, PIRES e SCHERER, 2011), cuidadores de adolescentes com deficiência (física e mental) (MASSON, BRITO e SOUSA, 2008), trabalhadores da saúde de nível universitário (CARDOSO e HENNINGTON, 2011), repercussões da doença de Chagas no contexto de vida e trabalho de usuários de instituto de pesquisa (MARQUES e HENNINGTON, 2017).

Área Educação: As pesquisas nesta área tiveram na sua maioria estudos com professores, como seguem: análise da atividade de uma professora de Educação Física (ALMEIDA, HECKERT e BARROS, 2011), trabalhadores de uma universidade pública (MARQUES, MARTINS e CRUZ SOBRINHO, 2011), trabalhadores de escolas públicas (SILVA, BRITO, NEVES e ATHAYDE, 2009), docentes que trabalham nas escolas públicas (BARROS e LOUZADA, 2007), educadores de uma escola pública municipal (BARROS, ZORZAL, ALMEIDA, IGLESIAS e ABREU, 2007), professor que atua em cursos livres de idiomas (FREITAS e SOUZA, 2018), usuários de instituto de pesquisa (MARQUES e HENNINGTON, 2017), trabalhadoras de escolas (NEVES et al., 2015), atividade de trabalho do tradutor intérprete da língua brasileira de sinais (LIBRAS)/português (TILS) (NASCIMENTO, 2014), discentes de graduação em Terapia Ocupacional (FURTADO e FISCHER, 2011).

Área Rural: Os estudos com a participação de trabalhadores desta área foram: trabalhadores rurais sem-terra (RÜCKERT e ARANHA, 2018), famílias de agricultores, todas ligadas direta ou indiretamente à indústria do tabaco (RIQUINHO e

HENNINGTON, 2016), trabalhadores rurais da agroindústria canavieira (SILVA e BARROS, 2014), trabalhadores(as) de assentamento rural ligado ao Movimento Sem Terra (MST) (SANTOS e HENNINGTON, 2013).

Área Serviços: Estudos ergológicos também foram desenvolvidos nos diferentes contextos de trabalho das diversas áreas de serviços, como: servidores de um Tribunal Regional do Trabalho (FONSECA, CUNHA, VIEIRA e MODENA, 2018), servidores técnicos de uma Agência da Previdência Social (CHRISTO e BORGES, 2017), gerentes do setor hoteleiro (SILVA et al., 2015), motoboys atuantes de diversos setores, como entrega de documentos, alimentos e medicamentos, em diversas regiões de um município (MORAES, ROHR e ATHAYDE, 2015; MORAES e ATHAYDE, 2014), agentes penitenciárias (AMADOR, 2011), operadores e operadoras de teleatendimento (OLIVEIRA e BRITO, 2011), operadores de *telemarketing* (OLIVEIRA, REZENDE e BRITO, 2006), comunicadores (FIGARO, 2011).

Área Indústria: Mediante o protagonismo de trabalhadores foi possível conhecer a complexidade das situações de trabalho advindas de diferentes segmentos da indústria como: estudos com operadores e gestores-chefes de um centro de usinagem (PEREIRA, MENDES e MORAES, 2017), trabalhadores de uma empresa do ramo petrolífero (LIMA e BIANCO, 2009), operários de produção fabril (SILVA, 2008), trabalhadores maçariqueiros de um determinado estaleiro (VINAGRE e CASTRO, 2017), trabalhadores de uma empresa de pequeno porte do setor de rochas ornamentais (PORTO e BIANCO, 2016), trabalhadores de processamento de mármore e granito (MEZADRE e BIANCO, 2014), trabalhadores de termelétricas (GUIDA, BRITO e ALVAREZ, 2013).

Trabalho autônomo: Identificamos um único artigo que teve como sujeito um trabalhador autônomo. Refere-se à pesquisa com a participação de atletas profissionais autônomos de vôlei de praia realizada por Borba e Muniz (2007).

O resultado desta classificação evidencia que nas quatro áreas há uma grande variedade de trabalhadores investigados, o que vem ao encontro da singularidade do trabalho humano, privilegiado pelos construtos teóricos da abordagem ergológica que privilegiam a subjetividade e as particularidades das vivências do trabalhador e dos contextos de trabalho ou de uma categoria profissional. Observamos que as investigações acerca dos trabalhadores rurais são escassas se comparadas aos trabalhadores urbanos, o que pode ser explicado pela dificuldade de acesso a estes profissionais, aspecto já evidenciado pela literatura (SCHLINDWEIN, 2010).

Aportes metodológicos e teóricos

Em resposta às questões centrais dos estudos, os pesquisadores se embasaram num dos três tipos de pesquisa: participante, exploratória e de intervenção, na sua maioria na perspectiva da pesquisa qualitativa. Dos 45 artigos, apenas cinco utilizaram metodologia quanti-qualitativa. Num dos estudos, os autores optaram por utilizar uma pesquisa documental, descritiva e quantitativa, por dados primários (MARQUES et al., 2011). Outro o estudo de caráter exploratório transversal, descritivo, também foi de natureza quanti-qualitativa (MORAES et al., 2015). A abordagem quanti-qualitativa também foi utilizada por Christo e Borges (2017), Moraes e Athayde (2014) e Barros et al. (2007).

Em todas as pesquisas, a metodologia adotada se construiu com as ferramentas conceituais-metodológicas formuladas pela Ergologia, combinando técnicas para

compreensão tanto objetiva como subjetiva. A técnica de entrevista foi a mais utilizada, em alguns estudos, na modalidade individual: dialógicas, semiestruturadas de auto confrontação, com as técnicas de Instruções ao Sósia, e em outros de forma grupal. A produção de dados também foi amparada em outros procedimentos de agrupamento coletivo como: grupos focais, grupos de discussão, grupos de estudo sobre o trabalho, espaços de diálogos, encontros de trabalho.

Outras formas de coleta de dados utilizadas foram: diários, observação da atividade, visita de campo com uso de materiais de audiovisual (como filmes e documentários), análise de prontuários, pesquisa documental, observação participante, observação de tipo etnográfica, curso de formação de multiplicadoras, análise de narrativa, aplicação de questionário, observações sistemáticas da atividade e validação dos resultados com os sujeitos da pesquisa, recursos tecnológicos de videografia digital, documentos organizacionais de segurança e saúde padrões que regulam a atividade, aferição da sobrecarga e conforto térmicos, ruído e iluminação da área física, entre outros.

Com embasamento no DDP3, algumas pesquisas foram conduzidas com a triangulação metodologia de técnicas, articuladas entre si (THURMOND, 2001). Visando produzir conhecimento sobre as atividades de trabalho, pesquisadores se ampararam também na estratégia metodológica denominada “Comunidade Ampliada de Pesquisa” e na cartografia como uma postura ou prática metodológica.

A atividade na perspectiva ergológica e o DDP3 serviram também de substrato teórico. À luz da Ergologia e de seu DDP3, foi possível avaliar a proposta pedagógica do método de escavação desenvolvida pelos alunos de Terapia Ocupacional (FURTADO e FISCHER, 2011). Permitiu também “[...] a superação do quadro de exploração e degradação da saúde dos agricultores e suas famílias, construído a partir do patrimônio e das práticas cotidianas de trabalho, e o polo dos conceitos gerados pelo conhecimento técnico e científico, articulados com responsabilidade ética e social” (RIQUINHO e HENNINGTON, 2016, p. 8). Os aportes teóricos dos resultados foram subsidiados por outras abordagens como: Psicodinâmica do Trabalho, Clínica da Atividade, Ergonomia da Atividade, Modelo de Competências de Zarifian e Análise Ergonômica do Trabalho, e também guiados pelo materialismo histórico dialético como no estudo de Bertoni et al. (2011).

Temáticas centrais dos estudos

A análise dos artigos de natureza empírica mostrou resultados promissores para a compreensão da relação entre subjetividade e trabalho, revelando como trabalhadores de diferentes categorias profissionais se relacionaram singularmente com suas atividades de trabalho, crenças, saberes instrumentais, sistemas individuais e coletivos de defesa, normas e valores partilhados pelos coletivos de trabalho, aspectos percebidos através de análises do uso de si (VINAGRE e CASTRO, 2017).

A identificação das singulares presentes nas situações laborais, bem como o acompanhamento dos processos de trabalho com a combinação entre valores, saberes e atividade, foram importantes para a realização das pesquisas, conforme destacado por Porto e Bianco (2016). Estes resultados mostram-se coerentes à proposta da abordagem ergológica com destaque para alguns temas que seguem subsequentemente:

Complexidade do trabalho: Para Schwartz (2010) o trabalho por si só é complexo e enigmático, “[...] marcado por muitas variabilidades que demandam convocações e usos de si, dos saberes da experiência e levam a um constante embate de valores e escolhas para a sua execução” (BINDA et al., 2013, p. 401). Desse modo, “[...] a compreensão da singularidade e complexidade do trabalho fez emergir um olhar plural sobre o trabalhador, que permite entendê-lo como ser humano: racional, com instintos, emoções, necessidades, escolhas e decisões” (LIMA e BIANCO, 2009, p. 646). Para atingir este propósito ergológico, faz-se mister identificar: debates e dramáticas vividos nas atividades de trabalho (BORBA e MUNIZ, 2017), aspectos macro e microssociais relacionados à produção (RIQUINHO e HENNINGTON, 2016), implementação de novas tecnologias (FONSECA et al., 2018), mudanças ocorridas no trabalho (SCHERER et al., 2016), bem como a compreensão das situações de trabalho frente às mudanças organizacionais (GUIDA et al., 2013). Somam-se a estes aspectos o entendimento da dimensão coletiva nas atividades de trabalho (MORAES e ATHAYDE, 2014) e a complexificação do trabalho diante da dificuldade de compartilhar saberes em equipe interdisciplinar (SCHERER et al., 2013).

Atividades de trabalho compostas de normas e imprevisibilidades, centro dos acontecimentos das vidas e dos dramas humanos omitidos na história oficial como no caso do trabalhador na lavoura de cana-de-açúcar (SILVA e BARROS, 2014). Em algumas situações, diante das imprevisibilidades da atividade, é necessário buscar soluções no coletivo de trabalho (VILLA e ARANHA, 2009), bem como amparar no coletivo de trabalho a estratégia de apoio e evitação de erro (OLIVEIRA et al., 2006). Isto ocorre porque trabalhar remete a gerir situações fortuitas por intermédio da recriação (SILVA, 2008), e também criar formas de resolução dos conflitos como no caso das agentes penitenciárias (AMADOR, 2011).

Sentidos e significados do trabalho: Se nos aproximarmos dos problemas do trabalho unicamente a partir do trabalho abstrato, não chegaremos à perspectiva da Ergologia (SCHWARTZ, 2006). De acordo com Santos e Hennington (2013, p. 1595), “Os sem-terra atribuem ao trabalho os sentidos de liberdade e satisfação, positividade, esta, associada à autogestão e autonomia, referidas como elementos fundamentais para a saúde”. Os significados do trabalho em equipe de enfermagem foram “[...] relacionados às negociações, aos limites da autonomia, às noções de pertencimento e ao reconhecimento do outro” (SILVA e MOREIRA, 2015, p. 3033). “Trabalhar significa então colocar em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si consentido e comprometido por si mesmo” (MARQUES e HENNINGTON, 2017, p. 217). Destarte, o adoecimento acarreta consideráveis repercussões na vida das pessoas, principalmente em relação à vida laboral, por isto, em situações nas quais o trabalhador adocece, surge o sentimento de medo de ser considerado “incapaz,” ou seja, perder capacidade para realizar atividades do trabalho (MARQUES e HENNINGTON, 2017).

Trabalho prescrito e trabalho real: Schwartz (2006) compreende o trabalho real como o resultado das renormalizações e não da estrita aplicação e execução das normas, mas sim da ‘execução’ das normas através das renormalizações.

O desvio entre o trabalho prescrito e o trabalho real surge do encontro entre prescrições e uma personalidade singular. Este desvio resulta da atividade do trabalhador, do debate permanente que existe nele entre o que ele exige de si mesmo e o que os outros lhe pedem: a hierarquia, os colegas, os destinatários do trabalho etc. Este desvio acorda, portanto, a todas as atividades da atividade humana a sua imprevisibilidade, a sua imponderabilidade,

a sua variabilidade e, por conseguinte, a precariedade daquilo que as define (FOUCHECOURT-DROMARD, 2018, p. 61)

Desse modo, no debate sobre o prescrito e o real, pesquisas investigaram as práticas sociais e individuais a respeito de normas prescritas e normas praticadas (OLIVEIRA e BRITO, 2011).

Nesta perspectiva, os estudos revelaram que as representações dos trabalhadores são relevantes para compreensão desta dialética nos contextos laborais conforme verificado por Fonseca et al. (2018) e identificadas no caso do intérprete de libras/português em que as renormalizações são mobilizadas no saber investido, pela ausência de um prescrito e o status de norma que orienta o fazer (NASCIMENTO, 2014). Como também no caso dos comunicadores cujos valores profissionais entram em conflito consigo mesmo ao fazer suas escolhas para realizar o trabalho perante as injunções do sistema de produção (FIGARO, 2011). “Nos domínios e hiatos entre o trabalho prescrito e o trabalho real é que se inscreve a singularidade de um determinado trabalho sob a ótica de um trabalhador específico, como no caso da atividade do maçariqueiro” (VINAGRE e CASTRO, 2017, p. 183) bem como as enfermeiras de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) que vivenciam em suas atividades laborais o abismo entre “[...] as prescrições institucionais das políticas de saúde e as condições concretas de trabalho disponibilizados para a sua realização” (BERTONCINI et al., 2011, p. 169).

Trabalho em equipe: Schwartz (2006) remete o trabalho em equipe ao diálogo possível entre valores dimensionáveis e não dimensionáveis estabelecidos devido às condições subjetivas dos envolvidos. Nesta perspectiva, Silva e Moreira (2015, p. 3040) concebem “[...] as negociações, os limites da autonomia, as noções de pertencimento e o reconhecimento do outro, indispensáveis para a construção do trabalho em equipe”. No entanto, em instituições de saúde quando a assistência é fundamentada no modelo tradicional biomédico, há limitações ao trabalho em equipe e influência negativa sobre as práticas e as relações interprofissionais (CARDOSO e HENNINGTON, 2011). Numa perspectiva interdisciplinar, os profissionais buscam soluções conjuntas e novas práticas que incluam a participação do usuário (VILLA e ARANHA, 2009) e também “[...] produzem modos operatórios para dar conta das situações de trabalho, cooperando para solução dos problemas e/ou manejando as imprevisibilidades no trabalho em equipe” (PINTO e ZAMBRONI-DE-SOUZA, 2015, p. 49).

Ou seja, “[...] a interdisciplinaridade requer uso integrado de conhecimentos na prática multiprofissional, invasão das fronteiras disciplinares, desenvolvimento de competências para lidar com os desafios do meio e atitude individual como componente fundamental para o agir profissional” (SCHERER et al., 2013, p. 3210). Por conseguinte, “[...] gerir as situações que se apresentam para o trabalho em equipe solicita dos trabalhadores novas aprendizagens a partir da vivência, reinventando relações numa gestão mais democrática da atividade, sendo necessário, para isso, maior distribuição de poder e confiança nas capacidades e saberes do outro” (VILLA e ARANHA, 2009, p. 686).

Competências no trabalho: Schwartz (1998) escreve sobre pressupostos que ajudam a compreender as situações de trabalho e o processo de formação. Na sua opinião, na atividade de trabalho há uma relação dialética entre o grau de apropriação dos saberes conceitualizáveis e o grau de apreensão das dimensões históricas da situação. Neste debate de valores, o trabalhador, ao fazer escolhas, mobiliza os ingredientes heterogêneos da competência colocados “[...] numa encruzilhada entre técnica e escolhas sociais e econômicas” (SCHWARTZ, 1998, p. 106).

Scherer et al. (2016) verificaram que, mesmo em contexto limitador, a formação teve potência para mobilizar um conjunto de ingredientes necessários para gerar a competência. Para Silva et al. (2015), as competências mobilizadas pelos gerentes de hotéis são construídas nas situações reais de trabalho, sendo adquiridas, desenvolvidas e atualizadas nas atividades laborais cotidianas repletas de imprevistos que requerem decisões rápidas e criativas para gerir as situações do dia a dia de uma organização de serviço. Gomes et al. (2011) pesquisaram as competências mobilizadas no trabalho em saúde e verificaram que a demanda de qualificação formal por parte das trabalhadoras participantes do estudo demonstrou ser um importante benefício com efeitos positivos sobre sua própria saúde. Vale destacar que a pouca qualificação, somada ao acesso restrito e a técnicas e condições de trabalho que possibilitariam realizá-lo de forma mais favorável, parece aumentar os riscos à saúde dos trabalhadores cuidadores de adolescentes com deficiência física e mental, conforme identificado por Masson et al. (2008).

Pereira et al. (2017) identificaram que, no caso dos operadores de máquinas, as habilidades e competências surgem diante de constrangimentos gerados por: imprevisibilidade de serviços, dificuldade de operação dos instrumentos, prazos curtos, complexidade de configuração da máquina e riscos físicos presentes no ambiente laboral. E, “[...] para lidar com essas situações, os operadores estabelecem estratégias de regulação desenvolvidas ao longo da experiência adquirida no trabalho, vivência e valores compartilhados os quais possibilitam a execução de suas funções” (PEREIRA et al., 2017, p. 24). Sob a ótica da abordagem ergológica, “[...] considerando os custos pessoais e sociais acarretados por mudanças tecnológicas, em particular as demandas impostas aos trabalhadores e a necessidade de novas capacitações, a implementação de novas tecnologias deve ser sempre avaliada do ponto de vista de quem as utiliza” (FONSECA et al., 2018, p. 1).

Relações trabalho-saúde-doença e segurança: As pesquisas com referências da Ergologia nos estudos relativos às relações de saúde e segurança no trabalho, de um modo geral, concluíram que tanto a ausência de consciência das potencialidades decorrentes do uso de equipamentos de proteção quanto a falta de acesso às condições de trabalho dignas, comprometem a preservação da saúde e segurança dos trabalhadores. Somado a isto, “[...] propostas de mudança que não consideram a complexidade das situações de trabalho podem ser um obstáculo à saúde” (CHRISTO e BORGES, 2017, p. 104).

As repercussões negativas para a saúde, o adoecimento e o sofrimento em trabalhadores foram identificados em vários estudos entre trabalhadores de teleatendimento, em decorrência do controle rigoroso do espaço, do tempo e do comportamento (OLIVEIRA e BRITO, 2011). O “uso de si” frente às horas-extras e utilização de equipamentos, dinâmicas essas implicadas também na saúde do trabalhador (RIBEIRO et al., 2016). Exposição às condições de trabalho precárias e riscos psicossociais, ergonômicos e biológicos negligenciam os riscos químicos e físicos e renormalizam constantemente a atividade para a eficácia do serviço entre trabalhadores da enfermagem (FONTANA e LAUTERT, 2013). O artigo de trabalhadores (GUIDA et al., 2013) apresenta resultados relevantes acerca das mudanças na gestão do trabalho e suas implicações na saúde e segurança dos trabalhadores.

A compreensão do conceito de atividade humana e a gestão de si e da própria saúde como elemento estrutural da atividade foram evidenciadas no trabalho no SAMU (TRAJANO e CUNHA, 2011). A incessante luta da professora em meio aos usos de si por si e aos usos de si pelos outros em sua primeira experiência como docente em uma escola pública foi destacada por Almeida et al. (2011). A identificação da fuga de docentes da educação linguística, da padronização e das imposições das grandes franqueadoras de cursos livres foi realizada por Freitas e Souza (2018). A identificação de sofrimento e defesas foram analisadas (ATHAYDE e HENNINGTON, 2012), bem como estratégias de defesa contra o próprio sofrimento, evitando a emergência de quadro patológico (GOMES et al., 2011). Estudos sobre os “usos de si” na experiência do adoecimento e busca por cuidado foram pesquisados por Marques e Hennington (2017), Vinagre e Castro (2017) e Riquinho e Hennington (2016).

A experiência de Barros e Louzada (2007, p. 30) revelou que “[...] desfazer a tríade dor-desprazer-trabalho no cotidiano escolar exige dar visibilidade a práticas gestadas nos momentos de execução, no trabalho em ato”. Em algumas situações, foi observado que “[...] os trabalhadores, através do uso de si mesmos, dão mais importância ao cumprimento de prazos e metas de produção do que à sua própria segurança” (MEZADRE e BIANCO, 2014, p. 303). Os modos de uso do corpo-si na gestão da saúde e da segurança, também se revelam associados ao recurso inapropriado dos equipamentos de proteção individual (EPIs) à disposição, e a ausência de consciência das potencialidades decorrentes dos equipamentos de proteção coletiva (EPC) conforme analisado por Porto e Bianco (2016). No caso dos motoboys, devido ao fato dos modos de envolvimento com a trajetória profissional não ser homogênea, foi observada a fragilização do coletivo, que corrobora para a vulnerabilidade nas negociações e lutas políticas em prol de sistemas de proteção - individuais, coletivos e sociais - contra acidentes de trabalho (MORAES et al., 2015). Além disto, o individualismo e a baixa solidariedade entre pares corroboram para fragilização do coletivo e impacta na capacidade de resposta às condições degradantes de trabalho (MORAES e ATHAYDE, 2014).

De um modo geral, as pesquisas relacionadas ao binômio saúde-doença revelam diferentes formas de enfrentamento dos processos de adoecimento conforme observado por Masson et al. (2008). Outra questão importante a ser destacada é o fato de que o não entendimento do trabalhador acerca da interferência do trabalho no seu processo de adoecimento impossibilita-o de “[...] adotar posturas conscientes, bem como cobrar melhores condições e informações, posicionando-se como autor/ator nessa construção” (MARQUES et al., 2011, p. 678), o que revela a importância de um olhar ergológico sobre os agrotóxicos na cana-de-açúcar, conforme evidenciado por Silva e Barros (2014).

Ressaltamos que são muitos os desafios para que a saúde se efetive como direito, sobretudo em trabalhadores rurais ligados ao MST, pois apesar de eles construírem valores no âmbito da saúde, “[...] a instauração de novas normas passa pela organização política dos assentamentos e acampamentos de reforma agrária” (RÜCKERT e ARANHA, 2018, p. 116).

Um bom exemplo do envolvimento dos trabalhadores nas questões de saúde no trabalho foi encontrado no estudo de Athayde e Hennington (2012) que, ao analisarem a atividade cotidiana dos profissionais de saúde mental, verificaram que o desgaste advindo da grande demanda do envolvimento subjetivo era fonte de emergência de sofrimento e adoecimento. Somando a isto, os trabalhadores vivenciavam condições de

trabalho insatisfatórias que repercutiram no serviço prestado e na saúde dos trabalhadores. E, mesmo nestas situações, os pesquisadores identificaram potência criativa e aspectos de satisfação pelo trabalho desenvolvido, dentre as quais: estratégias de enfrentamento e superação “[...] das adversidades envolveram o apego aos ideais do SUS e da Reforma Psiquiátrica, o suporte da equipe, e o reconhecimento do trabalho realizado” (ATHAYDE e HENNINGTON, 2012, p. 983).

Estratégias de enfrentamento diante da descoberta da doença também foram identificadas entre os participantes de outra pesquisa. No estudo de Marques e Hennington (2017), para muitos dos investigados, as estratégias de enfrentamento foram associadas à “[...] religião, a fé, novas práticas de trabalho, nova ocupação e o próprio tratamento, os guiam para manter uma rotina de vida marcada por um impulso positivo e de vida” (MARQUES e HENNINGTON, 2017, p. 223).

Promoção da saúde: A abordagem ergológica mostrou-se promissora para empreender ações compreensivo-transformadora nas situações nocivas à saúde (NEVES et al., 2015) e para identificar a agroecologia como estratégia de promoção da saúde na reforma agrária (RÜCKERT e ARANHA, 2018). Possibilitou também compreender as ações de ensino de saúde e segurança do trabalho Ribeiro et al. (2016) bem como promover saúde a partir das situações de trabalho com a participação efetiva dos trabalhadores na criação de modificações concretas na organização e no ambiente de trabalho, mudanças nas formas de luta pela saúde e também transformações no modo de olhar o trabalho e a vida (SILVA et al., 2009). Mostrou o efeito positivo da qualificação formal sobre a saúde de profissionais da enfermagem (GOMES et al., 2011). Por outro lado, a pouca qualificação parece gerar aumento nos riscos à saúde dos trabalhadores, sobretudo quando há restrições “[...] a técnicas e condições de trabalho que possibilitariam realizá-lo de forma mais profícua” (MASSON et al., 2008, p. 68).

Logo, “[...] pensar promoção de saúde é pensar estilos de vida singulares e isso inclui a participação dos envolvidos nas diferentes situações desse processo” (BARROS et al., 2007, p. 120). Fouchecourt-Dromard (2018, p. 63) defende o ergo-gerenciamiento como um projeto de “[...] gestão que não se estabelece sobre um saber hegemônico, autocrático, que não admite a pré-qualificação do poder sobre os saberes, que não nega o real do trabalho”. Os resultados nas respectivas áreas evidenciaram que o diálogo e a troca de experiências viabilizadas entre os pesquisadores e trabalhadores contribuíram para explicitar formas de vivenciar as atividades laborais bem como a complexidade que envolve o trabalho. Com os conteúdos identificados os pesquisadores tiveram a oportunidade de, mobilizando o conhecimento acadêmico-científico, problematizar a atividade, além de avançar e enriquecer a compreensão deles mesmos e também dos trabalhadores quanto ao seu trabalho, a si mesmo e aos coletivos, o que remete à importância da Ergologia como método de abordagem científica.

DISCUSSÃO

Na base de dados pesquisada os artigos empíricos e teóricos publicados pelos pesquisadores brasileiros estão publicados em 36 periódicos nacionais e oito em revista internacional. Os resultados encontrados apontaram que os estudos empíricos desenvolvidos pelos pesquisadores brasileiros no campo da Ergologia, em sua grande maioria, estão pautados em métodos qualitativos alicerçados em diferentes instrumentos de coleta de dados e possuem uma forte característica descritiva e interventiva.

A predominância de estudos de natureza qualitativa contribui à luz da Ergologia para que os autores pudessem conhecer histórias de condições de vida e significados atribuídos ao trabalho em trabalhadores brasileiros de distintas categorias profissionais e diferentes contextos laborais. Foi possível também, conhecer saberes e práticas sobre a real situação de trabalho, a dialética entre o trabalho concreto e o abstrato, formas singulares de lidar com a doença e suas implicações, estratégias de enfrentamento e transformação, valores estabelecidos no convívio entre o coletivo de trabalhadores, entre outros aspectos. Os resultados evidenciam que a abordagem ergológica foi promissora para os pesquisadores entenderem as situações de trabalho mediante as vivências e conhecimento dos trabalhadores. A diversidade das experiências apresentadas demonstra que a abordagem ergológica está consolidada entre os pesquisadores brasileiros como um método de ampla utilização pelos centros e grupos de pesquisa de diferentes instituições.

Entretanto, esta pesquisa possui limitações, pois realizamos buscas numa única base de dados. Como indicações para futuros estudos, poderiam ser ampliadas as buscas, incluindo outros descritores em outras bases de dados. Também poderiam ser efetuadas comparações entre as tendências dos estudos nacionais e os estudos internacionais que utilizam a Ergologia. Por se tratar de uma abordagem metodológica relevante para a compreensão da relação do trabalhador com seu trabalho, a nosso ver, analisar os estudos sobre esta temática certamente contribuiu para verificar a distribuição e impactos no território brasileiro, bem como seus resultados e o perfil das produções neste campo do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; HECKERT, Ana Lucia Coelho; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Nas trilhas da atividade: análise da relação saúde-trabalho de uma professora de educação física escolar. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2011, v. 9, p. 245-263. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/tes/a/pqkqYN3dy3S5Z7RNjbx3bzR/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2020

AMADOR, Fernanda Spanier. Produção de imagens, subjetivação e trabalho penitenciário: uma contribuição às clínicas do trabalho. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 358-373, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

ATHAYDE, Milton Raimundo Cidreira. et al. A perspectiva da Ergologia e o campo da Saúde Mental e Trabalho. In: GLINA, D.; ROCHA, L. (org.). **Saúde Mental no Trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010, p. 229-247

ATHAYDE, Vladimir; HENNINGTON, Élide Azevedo. A saúde mental dos profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 983-1001, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000300008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16 out. 2020.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; LOUZADA, Ana Paula. Dor-desprazer-trabalho docente: como desfazer essa tríade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 13-34, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642007000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2020.

BARROS, Maria Elizabeth et al. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 103-124, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462007000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2020.

BERTONCINI, Judite Hennemann; PIRES, Denise Elvira Pires de; SCHERER, Magda Duarte dos Anjos. Condições de trabalho e renormalizações nas atividades das enfermeiras na saúde da família. **Trab. educ.**

saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 157-173, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2020.

BINDA, Josiana; BIANCO, Mônica de Fatima; SOUSA, Eloísio Moulin de. O trabalho dos agentes comunitários de saúde em evidência: uma análise com foco na atividade. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 389-402, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 nov. 2020.

BORBA, Louise; MUNIZ, Hélder Pordeus. 'Mudando para o time': a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia. **Laboreal**, v. 13, n. 1. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/780>. Acesso em: 16 set. 2020.

CANGUILHEM, Georges. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. 3, p. 120-136, 1947. Paris: Seuil

CANGUILHEM, Georges. **Etudes d'histoire et de philosophie des sciences**. 7. ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1994.

CANGUILHEM, Georges. **La connaissance de la vie**. 2. ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2003.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARDOSO, Cíntia Garcia; HENNINGTON, Élica Azevedo. Trabalho em equipe e reuniões multiprofissionais de saúde: uma construção à espera pelos sujeitos da mudança. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 85-112, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

CHRISTO, Cirlene de Souza; BORGES, Maria Elisa Siqueira. Reorganização do trabalho em uma agência da Previdência Social: resistência à mudança ou preservação da saúde?. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 104-114, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000600104&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2021.

ECHTERNACHT, Eliza Helena de Oliveira. Ergologia. In: R. Mendes (org.), **Dicionário de saúde e segurança do trabalhador**. São Paulo: Proteção Publicações e Eventos, 2018, p. 467-468.

FERREIRA VINAGRE, Rayana; DE CARVALHO CASTRO, Alexandre. Análise da atividade de maçariqueiros num estaleiro no Brasil: Considerações sobre saúde do trabalhador numa perspectiva ergológica. **Trab. soc.**, Santiago del Estero, n. 28, p. 181-193, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000100010&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

FIGARO, Roseli. A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 285-297, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 nov. 2020.

FONSECA, Fernanda Freire et al. Implicações de novas tecnologias na atividade e qualificação dos servidores: Processo Judicial Eletrônico e a Justiça do Trabalho. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 43, n. 4, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572018000100204&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 dez. 2020.

FONTANA, Rosane Teresinha; LAUTERT, Liana. The situation of nursing work and occupational risks from an ergological perspective. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 6, p. 1306-1313, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000601306&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

FOUCHECOURT-DROMARD, Ingrid. A abordagem ergológica para uma outra avaliação do trabalho social. **Laboreal**, v. 14, n. 1, p. 59-64, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/534>. Acesso em: 7 nov. 2020.

FREITAS, Luciana Maria Almeida de; SOUZA, Carlos Fabiano de. Trabalho docente em cursos livres de idiomas: discurso direto e a voz da hierarquia. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 31-51, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732018000100031&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 dez. 2020.

FURTADO, Eliana Anjos; FISCHER, Maria Clara Bueno. Método da escavação em terapia ocupacional: um dispositivo dinâmico a três polos?. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 175-199, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

GOMES, Luciana et al. Competências, sofrimento e construção de sentido na atividade de auxiliares de enfermagem em Utin. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 137-156, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

GUIDA, Hilka Flavia Saldanha; BRITO, Jussara; ALVAREZ, Denise. Gestão do trabalho, saúde e segurança dos trabalhadores de termelétricas: um olhar sob o ponto de vista da atividade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3125-3136, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2020.

LIMA, Estevam Luiz Nascimento; BIANCO, Mônica de Fátima. Análise de situações de trabalho: gestão e os usos de si dos trabalhadores de uma empresa do ramo petrolífero. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 629-648, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 nov. 2020.

MARQUES, Amanda Almentero; HENNINGTON, Éilda Azevedo. As repercussões da Doença de Chagas no contexto de vida e trabalho de usuários de instituto de pesquisa. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 215-224, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000600215&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 out. 2020.

MARQUES, Solange Vianna Dall'Orto; MARTINS, Gabriela de Brito; SOBRINHO, Oswaldo Cruz. Saúde, trabalho e subjetividade: absenteísmo-doença de trabalhadores em uma universidade pública. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 668-680, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512011000600012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2020.

MASSON, Letícia Pessoa; BRITO, Jussara Cruz de; SOUSA, Rejane Nazaré Pimentel de. O trabalho e a saúde de cuidadores de adolescentes com deficiência: uma aproximação a partir do ponto de vista da atividade. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 68-80, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000400008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 out. 2020.

MEZADRE, Simone De Bruim Babisk; BIANCO, Monica de Fátima. Polishing Knowledge: A Study of Marble and Granite Processing. **BAR, Braz. Adm. Rev.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 302-322, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-76922014000300302&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

MORAES, Thiago Drumond; ATHAYDE, Milton Raimundo Cidreira de. Dimensões do coletivo na atividade de trabalho dos motoboys. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 327-348, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000200327&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2020.

MORAES, Thiago Drumond; ROHR, Roseane Vargas; ATHAYDE, Milton. Ingresso, permanência e abandono na profissão de motoboys: constituição de si e da profissão. **Laboreal**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/4244>. Acesso em: 26 out. 2020.

NASCIMENTO, Vinícius. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de libras/português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1121-1150, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

NEVES, Mary Yale; MUNIZ, Hélder Pordeus; SILVA, Edil Ferreira; COSTA, Joana Dar'k; BRITO, Jussara; ATHAYDE, Milton. Saúde, gênero e trabalho nas escolas públicas: potencialidades e desafios de uma experiência com o dispositivo "Comunidade Ampliada de Pesquisa e Intervenção". **Laboreal**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/4169>. Acesso em: 01 nov. 2020.

OLIVEIRA, Simone Santos; BRITO, Jussara Cruz de. A dimensão gestonária do trabalho e o debate de normas e valores no teleatendimento. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 265-284, 2011. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

OLIVEIRA, Simone; REZENDE, Marcello Santos; BRITO, Jussara. Saberes e estratégias dos operadores de telemarketing frente às adversidades do trabalho. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 31, n. 114, p. 125-134, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572006000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2020.

CAROLINNA, Anna; PEREIRA, Eduardo; MENDES, Davidson Passos; MORAES, Geraldo Fabiano de Souza. Do prescrito ao real: a imprevisibilidade e a importância do trabalho coletivo em um centro de usinagem de uma empresa metal-mecânica do interior do Estado de Minas Gerais. **Laboreal**, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/1768>. Acesso em: 01 nov. 2020.

PINTO, Francinaldo do Monte; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César. A atividade de trabalho de motoristas de ambulância sob o ponto de vista ergológico. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 40, n. 131, p. 49-58, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572015000100049&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 dez. 2020.

POCHMANN, Marcio. Brasil: segunda grande transformação no trabalho?. **Estud. av.**, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 23-38, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2020.

PORTO, Thiara De Ângeli; BIANCO, Mônica de Fatima. Os usos do *corpo-si* no trabalho de transformação de granitos: evidências para saúde e segurança. **Laboreal**, v. 12, n. 1, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/3053>. Acesso em: 04 dez. 2020.

RIBEIRO, Josina Maria Pontes; ARAUJO-JORGE, Tania Cremonini de; BESSA NETO, Vicente. Ambiente, saúde e trabalho: temas geradores para ensino em saúde e segurança do trabalho no Acre, Brasil. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 1027-1039, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000401027&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2020.

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENNINGTON, Élide Azevedo. Sistema integrado de produção do tabaco: saúde, trabalho e condições de vida de trabalhadores rurais no Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 12, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016001205005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 24 out. 2020.

RUCKERT, Bianca; ARANHA, Antônia Vitória Soares. Lutar por saúde é lutar por reforma agrária: estudo sobre práticas de saúde no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Saude soc.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 116-127, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902018000100116&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 out. 2020.

SANTOS, Júlio César Borges dos; HENNINGTON, Élide Azevedo. Aqui ninguém domina ninguém: sentidos do trabalho e produção de saúde para trabalhadores de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29 n. 8, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v29n8/v29n8a12.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.

SCHERER, Magda Duarte dos Anjos; PIRES, Denise Elvira Pires de; JEAN, Rémy. A construção da interdisciplinaridade no trabalho da Equipe de Saúde da Família. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3203-3212, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 dez. 2020.

SCHERER, Magda Duarte dos Anjos et al. Cursos de especialização em Saúde da Família: o que muda no trabalho com a formação?. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 691-702, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000300691&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 04 set. 2020.

SCHLINDWEIN, Vanderléia de Lurdes Dal Castel. Dor e sofrimento oculto: a desproteção social dos trabalhadores do fumo. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 32, p. 82-97, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 set. 2020.

SCHWARTZ, Yves. Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 65, p. 101-140, 1998. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em :09 set. 2020.

SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Trab. Educ.** [S.l.], v. 7, n. 7, 2013, p. 38-46. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9202>. Acesso em: 9 set. 2020.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pro-Posições**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 34–50, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644041>. Acesso em: 9 set. 2020.

SCHWARTZ, Yves. Entrevista: Yves Schwartz. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 457-466, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462006000200015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 out. 2020.

SCHWARTZ, Yves. O homem, o mercado e a cidade. In Y. Schwartz, & L. Durrive (org.), **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**, 2. ed., p. 247-273, 2010. Niterói: EdUFF.

SCHWARTZ, Yves. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. In Y. Schwartz, & L. Durrive (org.), **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**, 2. ed., p. 37-46, 2010. Niterói: EdUFF.

SCHWARTZ, Yves. Abordagem ergológica e necessidade de interfaces pluridisciplinares. **ReVEL**, edição especial, n. 11, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/2e5e27e69e52df1113fd2b52d2d99f39.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

SILVA, Cristiane A. Fernandes da. A gestão de si na reinvenção das normas: práticas e subjetividade no trabalho. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 111-123, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000400012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2020.

SILVA, Edil Ferreira da et al. A promoção da saúde a partir das situações de trabalho: considerações referenciadas em uma experiência com trabalhadores de escolas públicas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 13, n. 30, p. 107-119, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 dez. 2020.

SILVA, Edil Ferreira; ARAÚJO, Anísio José da Silva; PINTO, Francinaldo do Monte; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César; ROCHA, Euda Kaliani Gomes Teixeira Rocha; MÁXIMO, Thais Augusta Cunha de Oliveira. Os ingredientes da competência de gerentes de hotéis. **Laboreal**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/4332>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SILVA, Elaine Menezes da; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Equipe de saúde: negociações e limites da autonomia, pertencimento e reconhecimento do outro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3033-3042, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001003033&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 set. 2020.

SILVA, Marcela Sobreira; BARROS, Vanessa Andrade de. Saberes sobre o trabalho: experiência e história nos canaviais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 440-448, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.

THURMOND, Veronica. The point of triangulation. **Journal of Nursing Scholarship**, USA, n. 33, v. 3, p. 253-258, 2011. Disponível em: <https://sigmapubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1547-5069.2001.00253.x>. Acesso em: 27 nov. 2020.

TRAJANO, Ana Rita Castro; CUNHA, Daisy Moreira da. Processo de trabalho no samu e humanização do sus do ponto de vista da atividade humana. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 113-136, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 dez. 2020.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínica-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VILLA, Eliana Aparecida; ARANHA, Antônia Vitoria Soares. A formação dos profissionais da saúde e a pedagogia inscrita no trabalho do Programa de Saúde da Família. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 680-687, 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400009&lng=pt&nrm=iso.
Acesso em: 23 nov. 2020.

Data da submissão: 02/02/2021

Data da aprovação: 11/05/2022